



Educação musical no hospital: o professor improvisador

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO,

SUBÁREA: Educação Musical

Rossana Flores Bastos

Universidade Federal de Santa Maria – rossanafbastos@hotmail.com

Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer

Universidade Federal de Santa Maria – analooock@hotmail.com

Resumo. A partir da experiência prática junto ao contexto hospitalar e a escrita de diários de aula, analisados segundo Zabalza (2004), esse recorte de uma pesquisa realizada com o objetivo de entender quais as contribuições dessa prática para a formação do professor de música, mostra de que forma o educador musical se torna um professor improvisador no contexto hospitalar. A análise mostrou que essas vivências de improvisar sobre o planejamento construído, contribuem para ampliar o olhar do professor sobre a sua própria prática e sobre seus alunos em qualquer contexto de ensino, colaborando para a construção de uma educação mais humanizada e integradora.

Palavras-chave. Música; Hospital; Educação Musical; Diários de aula.

Title. Music Education in Hospital: The Improvising Teacher

Abstract. Based on practical experience in the hospital context and the writing of class diaries, analyzed according to Zabalza (2004), this excerpt from a research carried out with the aim of understanding the contributions of this practice to the training of music teachers, shows how the music educator becomes an improvising teacher in the hospital context. The analysis showed that these experiences of improvising on the constructed planning contribute to broadening the teacher's view of their own practice and their students in any teaching context, contributing to the construction of a more humanized and integrative education.

Keywords. Music; Hospital; Music education; Class diaries.

1. Introdução

O curso de Licenciatura em Música habilita o egresso a atuar em diversos níveis escolares da educação básica, desde a educação infantil ao ensino médio, inclusive no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), tendo o educador musical uma ampla possibilidade de atuação, seja em espaços escolares ou não escolares, de ensino formal ou informal. Por isso é importante que o mesmo tenha a possibilidade de experienciar diversas realidades e maneiras de ensinar durante a sua formação. O presente relato se deu a partir da experiência da autora, estudante de um curso de Licenciatura em Música da região Sul do Brasil, no projeto de extensão CAACTO – Cuidado e Atenção à Criança e ao Adolescente em Tratamento Oncológico – em contexto hospitalar, entre 2018 e 2019 e da posterior elaboração e defesa de

trabalho de conclusão de curso apresentado ao mesmo curso de licenciatura. Cabe salientar a presença da segunda autora, orientadora do TCC, na elaboração e reflexão das ideias aqui apresentadas.

O CAACTO é um projeto interdisciplinar promovido pelo curso de Terapia Ocupacional da mesma universidade, que envolve alunos de diversos cursos da área da saúde e outras áreas. Esse projeto promove ações desde 2011 nos serviços de atendimento e tratamento hematológico e oncológico de crianças e adolescentes no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), no intuito de humanizar o cuidado à saúde, promover a atenção integral e adaptação dos pacientes e seus cuidadores à hospitalização, diminuir os impactos negativos do processo de adoecimento e auxiliar na ressignificação do espaço do hospital (BATTISTEL, 2018). As ações do CAACTO são planejadas de acordo com os objetivos a serem alcançados com cada público e em consonância com os conhecimentos específicos de cada área, buscando romper com a atmosfera e rotina hospitalar, um ambiente que focaliza na doença, em seu tratamento e na busca pela cura.

Dentre as atividades mais habituais e muito apreciadas pelos pacientes estão as Intervenções Musicais, que ocorrem desde 2018, que buscam articular o ensino de música à promoção da saúde, buscando conhecer o cotidiano e gostos musicais dos participantes, conciliar atividades que possibilitem o aprendizado musical e expressão instrumental e vocal, partindo da participação ativa e autônoma desses sujeitos e estimulando a comunicação entre os participantes. Contudo, o grande desafio dessa prática é a preparação para se inserir nesse ambiente, já que no curso de Música não abordamos tal realidade, sendo todo o preparo realizado através das reuniões do projeto CAACTO, estudos e reflexões do grupo que propõe as intervenções musicais e, principalmente, aprendizados provenientes da prática. Essa inserção mostra-se desafiadora, inquietante e estimuladora para o professor de música, uma vez que prima pelo aperfeiçoamento constante, proporciona um enriquecimento do olhar profissional e humanizado e possibilita aprendizagens sobre a sua profissão, que serão valiosas nos mais diversos contextos de inserção e prática docente.

Diante disso, minha prática no contexto hospitalar teve início junto a escrita de diários de aula a cada encontro semanal, de setembro de 2018 a outubro de 2019, refletindo sobre os dilemas encontrados e analisados segundo autores que trabalham com os diários de professores. Esse relato, portanto, abordará os desafios desse ambiente e as contribuições dessa prática para a minha formação enquanto professora de música, especialmente na vivência de improvisações frente ao planejamento das Intervenções Musicais.

2. Revisão da literatura

A música que habita o nosso cotidiano possui uma função que não se limita apenas ao lazer, pois tem a capacidade de aproximar e unir pessoas, comunidades e grupos sociais (SILVA, 2008), construindo e afirmando identidades individuais e coletivas, adequando-se às emoções e influenciando sentimentos presentes, estimulando momentos prazerosos, bem como evocando lembranças de épocas vividas, pessoas e lugares que foram marcados por suas sonoridades características. Ou seja, a música, e também a arte em geral, possui uma função central na vida do ser humano, ao criar relações e laços subjetivos que vão além do entendimento e explicação racional. Consequentemente, em cada contexto em que a educação musical se insere, a música assumirá uma função diferente, de acordo com o cotidiano do ambiente e os propósitos a serem alcançados na ação de ensino.

Nos ambientes que cuidam da saúde e bem-estar, como hospitais e casas de acolhimento, a música tem estado cada vez mais presente, sendo motivada principalmente a partir de diversos estudos sobre os efeitos positivos que ela pode promover às pessoas (CAMPOS e NAKASU, 2016; NOBRE et al, 2012), principalmente em situação de fragilidade. Em ambientes hospitalares, a música assume o papel de humanizar o cuidado e o tratamento de saúde, promovendo momentos de bem-estar, estimulando a melhora da autoestima e a aproximação entre os pacientes, seus cuidadores e profissionais da saúde. Além disso, a música também contribui no desenvolvimento físico, mental e emocional de crianças e jovens que permanecem no hospital por um longo período, ao estimular respostas físicas e mentais, além de ajudar a expressar os sentimentos e emoções que permeiam essa fase de crescimento e hospitalização. Nesse sentido, entender o cotidiano musical do outro e buscar relacionar-se com ele torna-se fundamental, a fim de que a vivência musical seja significativa, prazerosa e contribua no desenvolvimento desse sujeito, bem como para alcançar os propósitos tanto de aprendizagem musical como de recuperação e promoção da saúde.

Muitas pesquisas buscam entender os efeitos que a música provoca no corpo humano, mas também, muitos estudos se interessam em perceber os efeitos emocionais, afetivos e psicológicos da utilização da música como um recurso terapêutico em ambientes que cuidam da saúde. Os estudos realizados por Bergold et al (2012) e Silva Júnior (2012) buscaram entender como encontros musicais poderiam beneficiar os pacientes em tratamento em um hospital do Rio de Janeiro (RJ) e um em Belo Jardim (PE), respectivamente, através

de entrevistas com os mesmos. Ambos os estudos concluíram que esses encontros contribuíram com a integração entre os pacientes, bem como entre os mesmos e a equipe profissional, ao intensificarem a expressão de sentimentos, o acolhimento mútuo, a troca de experiências e a reflexão acerca das angústias e enfrentamentos da doença. Da mesma forma, contribuíram com a aproximação dos pacientes com a sua realidade fora do hospital, ao evocar lembranças e qualificar a socialização com o grupo a partir da escolha de músicas significativas por cada sujeito.

No contexto hospitalar o educador musical põe em prática o que Passarini (2012 apud ALMEIDA e CAMPOS, 2013) chama de Educação Musical Terapêutica, quando o aprendizado musical e o processo terapêutico andam juntos, com a mesma importância, sendo o desenvolvimento humano integral o objetivo principal, considerando a singularidade de cada sujeito, independente de ter ou não algum tipo de deficiência, e norteando o aprendizado pelo afeto. Além disso, Almeida e Campos (2013) utilizam o termo Educador-Terapeuta para tratar do professor de música que busca um olhar terapêutico na intenção de atender as necessidades específicas e individuais de cada aluno, objetivando o cuidado e o desenvolvimento humano através do aprendizado musical. Dessa forma, o profissional atua na promoção da saúde do aluno, no caso de contextos hospitalares, ou de forma preventiva, em contextos além do hospitalar.

Em vista do grande desafio que o educador musical se depara ao se inserir no ambiente hospitalar, autores como Torres e Leal (2014), Reggiori (2017) e Lima et al (2010) relatam experiências da prática de educadores musicais no contexto hospitalar, narrando os desafios em relação ao público envolvido, a preparação e o planejamento para se inserir nesse contexto, o espaço não pensado para o fim educacional e todos os cuidados necessários por parte dos docentes, bem como os resultados positivos observados nos pacientes, acompanhantes e profissionais da saúde. É bastante desafiador repensar uma educação musical direcionada ao público do hospital, um ambiente que preza muito pelo silêncio, que muitas vezes possui uma atmosfera de apreensão e que acolhe pessoas das mais diversas faixas etárias, quadros de saúde e culturas, conseqüentemente abrigando os mais variados universos musicais.

Esse contexto provoca reflexões constantes sobre a própria atuação e o preparo profissional: que músicas e atividades podem ser trabalhadas para alcançar os objetivos propostos, que estratégias utilizar para instigar a participação dos pacientes, que adaptações precisam ser feitas levando em conta as necessidades e capacidades de cada sujeito. São

reflexões que acompanham todo o profissional da educação, pois ao trabalhar com e para o ser humano, são necessárias estratégias e flexibilidade para desenvolver ao máximo as potencialidades de cada indivíduo a partir do compartilhamento de ensinamentos e aprendizagens. Além disso, a experiência nesse ambiente provoca uma reflexão acerca do que é ser professor e de como ensinar de forma mais humanizada, muito além das portas do hospital, ampliando a visão sobre o aluno e sobre o ensino de música em qualquer contexto:

Penso que a experiência em ambiente hospitalar, propicia ao futuro educador, uma consciência a respeito do preparo necessário para enfrentar a rotina educacional. Apesar da atuação ter muitos aspectos que diferem da rotina escolar, a capacidade de improviso e do olhar atento ao todo, que está a nossa volta, ensina e prepara para situações inesperadas que, com certeza, aparecerão em nossa caminhada profissional (REGGIORI, 2017, p. 106).

Portanto, a atuação do educador no ambiente hospitalar oportuniza um crescimento tanto profissional como pessoal, pois cada vivência desperta reflexões e promove aprendizados que vão muito além do que é ser professor, mas de como podemos construir uma educação mais humana, que respeita as individualidades, que pensa nas necessidades e que desenvolve o ser humano além de qualquer habilidade, atentando para o desenvolvimento da sensibilidade e para o preparo emocional na vida.

3. Metodologia

De acordo com Sousa e Cabral (2015), na área da educação, tem-se valorizado o texto narrativo como um método de pesquisa que pode estimular diálogos, aproximações e reflexões sobre a realidade através da narração. Dentre as diversas formas de escrita narrativa, foi utilizado nessa pesquisa o diário de aula, objeto de pesquisa de autores como Zabalza (2004), sendo um recurso que serve como um registro de vivências, mas de uma forma reflexiva, ao pensar nos pontos positivos e negativos, quais as dificuldades e possíveis soluções, tornando-se um processo de pesquisa interna do professor. De acordo com Reck et al (2014), no diário temos a liberdade de expressar as nossas dificuldades, limitações e angústias, sendo um instrumento sensível capaz de lidar com a subjetividade dos professores em seus mais diversos contextos. Ao escrever sobre seus enfrentamentos e reflexões, o professor pode tomar decisões de forma mais consciente e, ao escrever suas conquistas, pode perceber o seu desenvolvimento profissional de forma mais clara, observando como lidou com os dilemas ao longo do seu percurso, configurando-se um processo de amadurecimento e crescimento profissional.

Dessa forma, foram produzidos diários de aula que refletem sobre os principais dilemas encontrados nas intervenções musicais no hospital e ideias que surgem a partir desse distanciamento, reflexão e escrita sobre o que já foi vivido para contornar esses desafios. Essa pesquisa se deu através da escrita e análise de 17 diários de aula, produzidos de setembro de 2018 a outubro de 2019, a partir dos quais foram encontradas três categorias principais de dilemas que permearam a minha prática no contexto hospitalar, a saber: o improviso no planejamento de acordo com o que os pacientes pedem; a percepção da saúde, do humor e da disposição dos pacientes; e a percepção do retorno dos pacientes e os pontos positivos. No presente relato serão apresentadas as reflexões a respeito da primeira categoria, o improviso no planejamento.

4. Discussão: o improviso no planejamento

Durante esse período em que estive atuando no hospital, um dos maiores desafios encontrados foi a rotatividade do público participante das intervenções musicais. Sendo essas semanais, a cada encontro havia novos pacientes e outros que esperávamos encontrar novamente, muitas vezes até planejando tocar alguma música especificamente para ele (a), e que, contudo, já havia dado alta. Dessa forma, o grupo que participaria da intervenção era uma incógnita, devido rotatividade comum do hospital e também dependendo da condição de saúde dos pacientes ou dos procedimentos que os mesmos precisassem passar no dia, impossibilitando, muitas vezes, a participação de algumas pessoas.

Devido a esse público inconstante, o planejamento do repertório a ser levado sempre foi pensado em abranger a todas as idades, desde crianças pequenas e adolescentes até seus cuidadores, como também em englobar diferentes gêneros musicais, que envolvessem músicas que consideramos interessantes, pertencentes ao contexto da mídia e do cotidiano dos participantes. Contudo, ante esse público em constante mudança, nem sempre conseguimos levar músicas que sejam relevantes e promovam a participação de todos. Assim, frequentemente surgiam pedidos de músicas que não havíamos planejado tocar e que, muitas vezes, não conhecíamos ou nunca havíamos tocado, como também ocorria na experiência relatada por Torres e Leal (2013). Desse modo, a improvisação começou a fazer parte das nossas ações no hospital, ao acolhermos os pedidos e buscarmos alternativas para executá-los, passando a ser um elemento constante da nossa prática e a fazer parte, de certa forma, do nosso planejamento, pois começamos a deixar sempre um momento da intervenção aberto aos pedidos musicais. Assim, ao longo da prática percebemos a importância de dar voz às

preferências de cada paciente, para, assim, nos aproximarmos deles, nos comunicarmos melhor, proporcionarmos momentos de bem-estar, aprendizagens e vivências significativas, conforme atesta Passeggi et al (2018):

É inegável, que escutar as crianças, seus desejos, anseios e possibilidades favorece uma prática significativa, colaborativa e reflexiva, na qual todos podem se expressar e agir como protagonistas da prática educativa. Essa constatação se torna ainda mais relevante quando se trata de crianças hospitalizadas (PASSEGGI et al, 2018, p. 136).

Além disso, escutar os pacientes oportuniza um momento de autonomia e livre expressão em um contexto no qual eles são privados de muitas escolhas (PASSEGGI et al, 2018), sendo uma situação difícil de lidar, principalmente para as crianças que não podem, muitas vezes, brincar do que querem, comer o que gostam e precisam passar por tratamentos incômodos e dolorosos. Por isso, buscamos devolver a possibilidade de escolha e expressão do que se deseja em nossas ações. Ainda, valorizar a experiência de cada paciente é fundamental para que ele se sinta acolhido, cuidado e para que se reconheça como sujeito, ao se aproximar de quem ele é “fora do hospital”, através das músicas que fazem parte do seu cotidiano, pois:

O sofrimento a que o paciente é submetido em meio a uma internação causa traumas e resistência ao ambiente hospitalar. Isso pode ocasionar, inclusive, na perda da identidade do indivíduo devido ao isolamento em que se encontra em meio ao tratamento (NASCIMENTO; CREPALDE, 2015, p. 26).

Portanto, proporcionar esse espaço de escolhas e expressão de opiniões, experiências e preferências é muito importante para humanizar o cuidado à saúde, auxiliar o paciente a enfrentar o adoecimento e a reconhecer a sua identidade, promover momentos de alegrias em meio a tantas preocupações e estimular a socialização e comunicação entre todas as pessoas envolvidas. Diante disso, nossas intervenções sempre ficavam abertas aos pedidos musicais dos participantes, o que exigia de nós uma improvisação constante, tanto sobre as músicas que não conhecíamos ou nunca tocamos, como nas dinâmicas que poderiam ser realizadas naquele momento, para envolver mais os pacientes.

Em seguida, a mãe disse que ele gostava da música “He man”, eu me lembrei que conhecia um trecho dessa música quando ela cantou, então fui procurar a cifra e a letra [...]. Quando achei a letra percebi que não saberia cantar ela inteira, então coloquei o áudio para tocar, logo meu colega viu a cifra e começou a acompanhar no violão e eu comecei a cantar junto com o áudio (Diário 13, 2019).

Nesse dia, para atender ao pedido do menino, que estava bastante tímido para participar, como nenhum de nós sabia cantar a música inteira, a solução foi colocarmos o áudio e cantarmos junto com ele. Esse gesto de esforço em nos aproximarmos dele, mesmo utilizando uma gravação, mostrou-se eficiente e benéfico, pois o menino se identificou com a

música e demonstrou alegria em nos ver cantando para ele. Contudo, nem sempre temos recursos para improvisar dessa forma, que envolve um computador ou celular, internet e uma intensidade de som que todos possam ouvir. Então, muitas vezes, temos que negociar com os pacientes as músicas que não sabemos tocar naquele momento:

Pedimos sugestões de músicas para as mães que estavam ali conosco. Elas pediram algumas músicas que não conhecíamos, do Zezé di Camargo e Luciano e da banda Malta, nos mostrando a gravação no celular, então negociamos para cantar músicas desses mesmos artistas que nós conhecíamos. Em “É o amor” todos cantaram e se empolgaram no refrão. [...] Apesar de termos poucos participantes nesse dia, pudemos perceber que foi um momento prazeroso, em que cantamos, rimos e dançamos. Foi também desafiador, pelos vários pedidos de músicas que não conhecíamos e pela “negociação” de músicas que eles gostavam e que nós conhecíamos (Diário 8, 2019).

Essa improvisação, além de abranger o repertório desconhecido por nós, também se dá nas dinâmicas que sempre buscamos fazer com as músicas que tocamos, a fim de que não seja um momento apenas de apreciação, mas que tenha a participação ativa dos pacientes e cuidadores.

Como as crianças estavam bastante animadas pedimos sugestões de músicas e o repertório que tocamos foi: Borboletinha, O Sapo Não Lava o Pé, Escravos de Jó, Dona Aranha e Sítio do Seu Lobato. Como eram músicas muito conhecidas por eles, propomos coreografia com as mãos, mudanças de andamento e dinâmica para variar as músicas e tocá-las mais de uma vez, a pedido deles (Diário 5, 2019).

Muitas vezes o repertório pedido se repete em quase todas as intervenções, principalmente as músicas infantis mais populares entre as crianças, como as citadas nesse trecho do diário, que são conhecidas e do gosto de praticamente todas elas. Então, para não ficar repetitivo e cansativo, procuramos sugerir atividades com instrumentos, jogos de mãos, percussão corporal, coreografias, movimentação pela sala ou variações de elementos musicais, como intensidade e andamento, a cada repetição para não ficar monótono e para promover vivências e aprendizados musicais, mesmo sobre aquelas músicas já muito conhecidas. E, na maioria das vezes, essas ideias precisam surgir no momento da intervenção, sem tempo de planejamento, fazendo parte desse desafio de improvisar.

Por isso, trabalhar em grupo no hospital é muito valioso, pois cada professor-músico que está presente possui uma bagagem musical-pedagógica diferente, possui repertórios musicais distintos, sugerindo atividades que conheceu em algum momento da sua formação ou prática docente nesses momentos de improvisação. Dessa forma, um colega ajuda o outro a ampliar seus conhecimentos e experiências docentes, proporcionando uma boa continuidade da intervenção no hospital e aprendendo, através da prática, estratégias para

lidar com a improvisação nos demais contextos de ensino e aprendizagem, a partir do exercício da criatividade e da busca constante por novos conhecimentos.

Ser professor, independente do contexto, é ser criativo, é pensar constantemente em estratégias para potencializar o aprendizado de seus alunos, é proporcionar autonomia na construção do próprio conhecimento, é estimular o prazer em aprender e, no nosso caso, em fazer música. Dessa maneira, a prática no ambiente hospitalar proporciona o exercício constante da criatividade e da improvisação, situações que certamente acontecerão em qualquer contexto de ensino quando buscamos nos aproximar dos nossos alunos, valorizar as suas experiências e vivências musicais, estimular a sua autonomia na fruição musical e aproveitar as oportunidades que surgem no momento da ação docente para criar novas formas de ensinar e envolver o aluno.

Hoje foi muito notável a diferença de aceitação e participação nas músicas que nós escolhemos cantar, que não são muito conhecidas ou não são do gosto das crianças, e nas músicas infantis conhecidas que levamos e as que elas pediram. As preferências musicais dos participantes sempre geram uma maior aproximação e comunicação entre os pacientes/acompanhantes e nós músicos, por isso que trabalhar o improviso no planejamento, trazendo as músicas que são pedidas no momento, é inevitável quando se busca alcançar os objetivos de se aproximar desses sujeitos e de proporcionar momentos de bem-estar, prazer e alegria (Diário 17, 2019).

5. Considerações finais

Durante esse período de intervenções musicais no ambiente hospitalar surgiram diversos dilemas que também estão presentes em outras realidades de ensino de música, como a necessidade do improviso e flexibilidade no que foi planejado quando os pacientes/alunos pedem uma música no momento do encontro ou quando precisamos alterar as dinâmicas para que todos possam se envolver na prática, de acordo com suas possibilidades, exigindo improvisação e criatividade constante do professor. A questão mostra-se importante quando buscamos nos aproximar dos pacientes/alunos, nos comunicarmos melhor, promovermos um espaço seguro de expressão e valorizarmos as vivências e experiências de cada sujeito, a fim de que eles se sintam acolhidos e próximos da sua realidade, além de estimular a autonomia na construção do conhecimento e no fazer musical, objetivos que estão presentes tanto na aula de música no hospital, como em demais espaços.

Ademais, a escrita de diários de aula sobre as ações no contexto hospitalar possibilitou uma reflexão sobre esse espaço e tornou possível repensar a minha prática como educadora musical. Os dilemas enfrentados, apesar de específicos desse ambiente, geraram aprendizagens também para a minha atuação docente nos mais diversos espaços e contextos,

promovendo um crescimento tanto pessoal como profissional. Essa experiência junto ao projeto CAACTO e aos colegas em formação que me acompanharam, me ensinou não só a atuar junto à melhora dos pacientes, mas como ser uma pessoa e uma educadora musical melhor. Finalmente, destaca-se a pertinência da questão da humanização dentro dos hospitais, e do papel da música nesse contexto, para a reflexão que vivemos nesse momento em tempos de Pandemia.

Referências

- ALMEIDA, Daniele Torres de; CAMPOS, Ana Maria Caramujo Pires de. Educador-terapeuta: os benefícios do olhar do especialista em musicoterapia na educação musical. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, Brasília, n. 15, p. 43-53, 2013.
- BATTISTEL, Amara Lúcia Holanda Tavares. Caacto Fase III: cuidado e atenção ao adolescente e à criança em tratamento oncológico. (mimeo). 2018.
- BERGOLD, Leila Brito; LIMA, Roberta de; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli. Encontro musical: estratégia de cuidado de enfermagem em quimioterapia para discutir adoecimento/morte. *Revista Enfermagem*, Rio de Janeiro, p. 758-763, 2012.
- CAMPOS, Louise Ferreira; NAKASU, Maria Vilela. Efeitos da utilização da música no ambiente hospitalar: revisão sistemática. *Revista Sonora*, Campinas, vol. 6, nº 11, p. 9-19, 2016.
- LIMA, Scheila Farias de Paiva; LINHARES, Leonardo Barreto; MAXIMIANO, Kenya Jeanne do Carmo. Educação musical e humanização hospitalar: uma experiência voltada à formação docente em música. In: XIX CONGRESSO NACIONAL DA ABEM. Goiânia. Anais do XIX Congresso Nacional da ABEM. Goiânia: 2010, p.736-744.
- NASCIMENTO, Aparecida Alves Nascimento; CREPALDE, Neylson João Batista Filho. A música como recurso nos processos de humanização hospitalar. *Revista Formação Docente*, Belo Horizonte. v. 7 n. 1, p. 24-35, 2015.
- NOBRE, Douglas Vizzu; LEITE, Hércules Ribeiro; ORSINI, Marco; CORRÊA, Clynton Lourenço. Respostas fisiológicas ao estímulo musical: revisão de literatura. *Revista Neurociências*, São Paulo, vol. 20, nº 4, p. 625-633, 2012.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da; RODRIGUES, Senadaht Baracho. Olhares Cruzados sobre a Classe Hospitalar: Legislação Brasileira e Percepção da Criança Hospitalizada. *Sisyphus - Journal of Education*, vol. 6, p. 123-138, 2018.
- RECK, André Müller; LOURO, Ana Lúcia; RAPÔSO, Mariane. Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 22 n. 33, p. 121-136, 2014.
- REGGIORI, Márcio Bittencourt. Estágio Supervisionado no Hospital: um novo panorama de atuação e uma nova realidade na rotina das instituições de saúde. *Revista da Fundarte*, Montenegro, vol. 17, nº. 34, p.94-109, 2017.
- SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 39-57.



SILVA JÚNIOR, José Davison. Música e saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical. *Revista da ABEM*, Londrina, vol. 20, n°. 29, p. 171-183, 2012.

SOUSA, Maria G da Silva; CABRAL, Carmem L de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Revista Horizontes*, Bragança Paulista, vol. 33 n°. 2, p. 149-158, 2015.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues; LEAL, Cláudia Maria Freitas. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. *Revista da Fundarte*, Montenegro, n. 26. P.48-58, 2013.

ZABALZA, Miguel Angel. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.